

LUTO E RITUALIZAÇÕES NA PANDEMIA DA COVID-19: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

GRIEF AND RITUALIZATION IN THE COVID-19: PANDEMIC FROM A PSYCHOANALYTICAL PERSPECTIVE

¹LOURENÇO, Gabriela Oliviera; ²KOBORI, Eduardo Toshio

Departamento de Psicologia - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-
Unifio/FEMM

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos que envolvem o luto e suas implicações, vivenciadas pela sociedade durante o período da pandemia da COVID-19, sob ponto de vista metapsicológico do sofrimento psíquico. O que norteou a investigação proposta foi a impossibilidade das realizações de rituais instituídos pela sociedade e como essa impossibilidade dificulta a elaboração da perda, seja real ou simbólica, bem como compreender o quanto essas perdas têm gerado sofrimento exacerbado, como tristeza, medo, angústia, desamparo e incompletude, o que pode ocasionar um estado de luto interminável. Para o ensaio teórico-metodológico, delineou-se inicialmente o trabalho do luto, perpassou-se alguns aspectos intrínsecos dos rituais, para então compreender a relevância da psicanálise no que tange as ritualizações, confirmando que a verbalização é indispensável para a contenção das angústias e do sofrimento como forma de vazão desses afetos tão intensos. Para o embasamento científico dessa análise, adotou-se como metodologia a Revisão de Literatura, que tem por objetivo organizar, integrar e analisar publicações pré-existentes de caráter qualitativo. Utilizaram-se literaturas pertinentes ao tema, artigos consultados nas bases de dados de dados eletrônicas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde — Psicologia (BVS-PSI), publicados entre os anos de 2019 e 2022 e buscas em alguns sites de órgãos governamentais para uma ampla contemplação do tema, associados à realidade a qual essa investigação se destina. Ficaram determinados, portanto, os descritores: COVID-19, luto e rituais. Sob esse viés busca-se fomentar o debate e o conhecimento científico sob temas atuais e de suma relevância, não apenas para a psicologia, mas para toda a comunidade científica.

Palavras-chave: Luto; Luto patológico; Rituais; COVID-19; Pandemia;

ABSTRACT

The purpose of this article is to present some aspects that involve grief and its implications, experienced by society during the period of the COVID-19 pandemic, from a metapsychological point of view of psychic suffering. What guided the proposed investigation was the impossibility of performing rituals instituted by society and how this impossibility hinders the elaboration of the loss, whether real or symbolic, as well as understanding how much these losses have generated exacerbated suffering, such as sadness, fear, anguish, helplessness and incompleteness, which can lead to a state of unending grief. For the theoretical-methodological essay, the work of mourning was initially outlined, some intrinsic aspects of the rituals were traversed, in order to understand the relevance of psychoanalysis in relation to ritualizations, confirming that verbalization is indispensable for containing anguish and suffering as an outlet for these intense affections. For the scientific basis of this analysis, the Literature Review was adopted as a methodology, which aims to organize, integrate and analyze pre-existing publications of a qualitative nature. Literature relevant to the topic, articles consulted in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Virtual Health Library - Psychology (BVS-PSI) electronic databases, published between 2019 and 2022 and searches on some websites were used. of government agencies for a broad contemplation of the theme, associated with the reality to which this investigation is intended. Therefore, the descriptors were determined: COVID-19, mourning and rituals. Under this bias, we seek to encourage debate and scientific knowledge on current and extremely relevant topics, not only for psychology, but for the entire scientific community.

Keywords: Mourning; Pathological grief; Rituals; COVID-19; Pandemic

INTRODUÇÃO

Os anos de 2019 a 2022 foram marcados por uma mudança no cenário mundial com o avanço da pandemia de SARS-CoV-2, abreviação de *Severe Acute Respiratory Syndrome* ou Síndrome Respiratória Aguda Grave, que se popularizou como COVID-19. Sua alta transmissibilidade e a prerrogativa de um mundo mais globalizado permitiram sua rápida disseminação. Em decorrência disso, em janeiro de 2020 a OMS define a pandemia como emergência de saúde pública, (GIAMATTEY *et al.*, 2022). À medida que os números de contágios cresceram, as demandas por leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) e por túmulos se intensificaram. Segundo Crepaldi *et al* (2020), houve uma tentativa de conter o vírus e evitar o esgotamento de recursos frente as demandas por meio do isolamento social.

Diante deste cenário, as imposições maciças para a contenção do grande número de mortes que assolava o país foram imprescindíveis, o que incorreu em suspensão das atividades socioeconômicas, até que sobreviessem medidas mais efetivas de tratamento e o desenvolvimento de vacinas. Ainda, segundo a perspectiva dos autores, as medidas para desacelerar o contágio geraram transformações na sociedade contemporânea, onde muitas atividades passaram a acontecer de forma remota, imprimindo novas formas de trabalho, lazer, educação, religiosidade e não menos importante, novas formas de ritualizar a dor e diversas perdas, sendo estes alguns dos reflexos do luto vivenciados em meio a pandemia. O medo constante e a incerteza do término favoreceram a acentuação de quadros depressivos, ansiedade e estresse, afetando a terminalidade do luto e morte, de acordo com Giamattey *et al.* (2022); Verztman (2020).

Portanto, pretende-se investigar nessa análise outra demanda imprescindível: a de como a impossibilidade das realizações de despedida, devido as práticas administrativas e protocolos de biossegurança, podem afetar o processo do luto prejudicando a vivência da dor, ocasiona sua evolução em luto patológico. Outra via pertinente dessa investigação, além do luto por mortes, são os lutos simbólicos: perdas sociais, perdas econômicas, perda da saúde, da fé, das tradições, entre outras, que também se mostram perdas irreparáveis que causam angústias e sofrimento. Diante de impossibilidades impostas pela pandemia, o que impulsiona essa investigação é o questionamento, do ponto de vista psicanalítico, de como as perdas por mortes ou perdas subjetivas, demandam tempo transitório de reorganização

libidinal de investimentos, impulsionados pelo Eu e pelo inconsciente. Espera-se assim que o luto auxilie a abertura para um novo sentido, ao investir em um novo elo (SOUZA; PONTES, 2016).

Sob essa perspectiva, propõe-se uma revisão de literatura que inicialmente se preocupa em se debruçar, não em uma definição rígida do luto, mas considerando a singularidade do sujeito, sem perder de vista a importância dos rituais no que tange a psicanálise. Justifica-se, portanto, tal investigação ser de importância acadêmica para a compreensão das vivências atuais, buscando fomentar discussões que auxiliem possíveis medidas para os encontros na atualidade.

METODOLOGIA

Esse artigo é um desdobramento do projeto de pesquisa vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão — NuPE e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica — PIBIC, que se propõe ao desenvolvimento de uma Revisão Sistemática de Literatura, intitulada: A pandemia e o luto sob o olhar psicanalítico: uma revisão de literatura. Os métodos empregados para a investigação desta análise foram pautados na revisão de literatura que, segundo Costa e Zoltowvski (2014), tem por objetivo organizar, integrar e analisar publicações pré-existentes de caráter qualitativo. Para a fundamentação utilizou-se literaturas de obras já recolhidas na Revisão Sistemática do projeto, dentre outras consideradas relevantes para o embasamento teórico, as quais também foram incluídas. Foram consultados artigos das plataformas eletrônicas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde — Psicologia (BVS-PSI), e buscas em alguns sites de órgãos governamentais para uma ampla contemplação do tema e da realidade a qual essa investigação se destina.

DESENVOLVIMENTO

Antes de elucidar as implicações das ritualizações inseridas na cultura e lutos reais e simbólicos no contexto pandêmico, são imprescindíveis algumas considerações acerca do luto como base para compreensão de tais desdobramentos. No ensaio freudiano *Luto e melancolia*, Freud define luto como uma “[...] reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal” (FREUD, 2010a, p.172a). Mediante este fragmento compreende-

se que embora a vivência do luto ocorra de maneira singular, dolorosa e embargada de profundo abatimento, tal vivência possibilitaria espaço e tempo ocupados por um vazio repleto de significados conscientes ao sujeito, mas que pode ser irreconhecível. No entanto, sua descrição deve ir além da reação, antes, é configurada como uma relação. Tal como afirma Freud em *A transitoriedade* (2010b), determinar que o luto é apenas uma reação esperada pela perda de um ente querido ou de algo simbólico e imaterial, não é suficiente para defini-lo. Segundo o autor, é um enigma que se interrelaciona com diversas causas, muitas vezes incompreensíveis para nós. O processo em si pode ser encarado por diversas vias, dado seu caráter obscuro, todavia, é constituído por medo, sofrimento, inibição, desamparo frente a ausência do objeto perdido e desinteresse pelas coisas que cercam o enlutado.

A definição de luto requer cautela visto que o luto tido como normal pode ser confundido com melancolia ou um luto patológico (interminável). Freud define melancolia da seguinte maneira:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. Esse quadro se torna mais compreensível para nós se considerarmos que o luto exhibe os mesmos traços, com exceção de um: nele a autoestima não é afetada (FREUD, 2010a, p. 172-173).

O trecho selecionado exprime a proximidade entre os conceitos de *Luto* e *Melancolia*, porém há uma razão para serem confundidos. Nos enlutados há algo paradoxal que se institui nos sentimentos entre o amor e as autorrecriminações, culpa e punição pela perda. No entanto, a diferença pontual é que no luto a perda de objeto é conhecida, seja ela uma perda real e materializada ou imaterializada, de algo ou alguém amado e admirado. Já na melancolia Freud sugere que o objeto perdido não fica evidente, isto é, o enlutado “sabe *quem*, mas não o *que* perdeu nesse alguém” (FREUD, 2010a, p. 175).

Passado o período de experiência interna, espera-se que o luto seja superado, como afirma Luiz *et al* (2021). Contudo, os autores Michel e Freitas possuem uma opinião divergente no que tange a superação: “[...] a experiência de enlutamento se apresenta como uma demanda de ressignificação de um existir partilhado e não exatamente da superação de uma perda.” (MICHEL; FREITAS, 2019, p. 3). De acordo

com os autores citados, a ressignificação das lembranças, memórias e vivências cotidianas só podem ser incorporadas e transformadas com o tempo e espaço para a vazão de sentimentos de dor e angústias.

Dessa maneira, segundo Freud (2010a), compreende-se que o trabalho psíquico do luto é realizado quando o enlutado consegue, a seu tempo, se desvincular do elo existente entre si e o objeto perdido, o que não significa necessariamente sua renúncia, mas que o desligamento libidinal desse objeto, constituído de memórias e lembranças, será elaborado e, após dado período, permitirá sua substituição. Cabe ainda a afirmação de que a reconstrução implicará em amplo investimento, o qual pode ser mais sólido do que o feito anteriormente. De acordo com Garcia-Roza (2009), embora se tente desviar da dor, não há bloqueios contra esses estímulos, já que as próprias lembranças serão capazes de provocar desprazer. Abrir-se-ia a instauração para o princípio de realidade, como aborda o mesmo autor, “O princípio de realidade era, até então, concebido como um princípio de regulação psíquica que impunha à procura de satisfação desvios, paradas, substituições e sobretudo renúncias.” (GARCIA-ROZA, 2009, p.132) Ou seja, pretende proteger o indivíduo contra frustrações. Apensar de se buscar o prazer, o sentido de realidade impera sobre este. Nesse sentido, o tempo concedido pelo processo de luto favorece o enlutado protegendo-o contra seu próprio aniquilamento, até que possa fazer a quebra do elo.

Esse modo particular da quebra do elo existente entre enlutado e objeto amado exprime os modos de subjetivação e conduz o sujeito à sua nova realidade. Tal ponto de reflexão é fundamental nessa análise, pois quando a singularidade não é considerada pode-se, equivocadamente, patologizar a tristeza, o que significa não respeitar o trabalho do luto, descrito anteriormente. Freud evidenciava que “[...] jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele, embora ocasione um sério afastamento da conduta normal da vida. Confiamos em que será superado após certo tempo.” (FREUD, 2010, p.128a). Não obstante as contradições aqui mencionadas, quanto a superação por ideias divergentes, a afirmação nos permite compreender, que atribuir ao luto fixações predeterminadas é não considerar o sujeito em sua totalidade.

As observações reunidas até aqui permitem a seguinte constatação: a interpretação de que o luto pode ser um processo rígido e linear, bem como sugerir

base para uma reorganização, falha ao se limitar a padronizar sentimentos que deverão ser enfrentados de maneiras imprevisíveis. Isso torna de suma importância a investigação e interpretação da história do sujeito, atreladas ao seu presente, suas angústias e tristeza vivenciada.

Diante das considerações levantadas no que cerne o luto, serão investigados em seguida, alguns desdobramentos do luto durante o período da pandemia da COVID-19 no Brasil. Diante do grande número de mortes advindas da COVID-19, entender o luto e suas implicações na contemporaneidade é entrar em contato com a realidade e desejar elaborar mecanismos para enfrentá-la. Nesse contexto, a sociedade se depara novamente com a fragilidade pela sobrevivência da vida, que volta a se colocar como imperativo, trazendo sentimentos como medo frente à morte e desilusão em um cenário instável (MONTEIRO, 2022). Além do adoecimento orgânico provocado pela COVID-19, o adoecimento psíquico individual e coletivo teve como pano de fundo uma sociedade já adoecida. Como confirma Birman (2020) quando diz que a COVID-19 deixou traumas em uma sociedade já vulnerável ao agravamento de quadros depressivos e de ansiedade, o que vem ao encontro do que alerta a OMS desde 2018: a depressão surge como um dos maiores problemas de saúde pública da sociedade. Nessa senda, Gajanigo e Souza (2021) consideram que a experiência traumática, embasada na perspectiva freudiana, não é realmente assimilada quando está acontecendo, podendo, após o ocorrido, vir a ser um trauma cultural coletivo, como pode se observar em alguns casos pós pandêmicos. Apesar do grande número de mortes a preocupação contundente da OMS se volta mais sobre a depressão, não contemplando a problemática do luto de maneira geral. Antes, o correlaciona com a depressão, apontando-o como um fator que poderia contribuir para o desenvolvimento de quadros depressivos. Fatores como desemprego e traumas psicológicos também seriam propulsores para o adoecimento, favorecendo o desenvolvimento da patologia.

Na tentativa de elaboração de mecanismos auxiliares para o enfrentamento da pandemia, a fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020) desenvolve uma cartilha para auxílio e orientações psicossociais. Nela a instituição caracteriza o luto como um rompimento do vínculo a partir da perda e ressalta que a cultura instituída por cada sociedade é a principal propagadora de meio de elaboração das perdas de entes queridos através de homenagens, despedidas e compartilhamento da dor. Concepção

afirmada também pelos autores Giamattey *et al.* (2022) de que os rituais são fundamentais, pois são organizadores e possuem em sua essência função de amenizar as angústias e dores por meio de simbolizações e cerimônias onde são manifestos sentimentos e onde há compartilhamento de afetos. Os rituais culturais de despedida são, portanto, organizadores do processo de luto. A FIOCRUZ (2020) acrescenta que a morte repentina pode ser um fator para a complicação do luto, que se daria de forma mais prolongada e intensa. Além de muitas mortes terem ocorrido de maneira repentina, o contexto conturbado associado à vivência de lutos sequenciais entre membros de uma mesma família ou amigos pode, além de dificultar, intensificar a elaboração das perdas, segundo Alves *et al.* (2022).

As considerações difundidas por Poletto (2021), comprova o que se tem afirmado, segundo a autora as impossibilidades de realização dos rituais histórico-culturais e a simbolização contidos no momento de despedida, expressos através do último desejo realizado e homenagens, a preparação do corpo, o compartilhamento do sofrimento entre familiares e amigos, demonstram que o corpo em si é carregado de significados, no corpo que se darão os medos, traumas e sofrimentos. Este pensamento é corroborado pelas ideias de Dantas *et al.* (2020) que também apontam a importância dos rituais como auxiliares do processo do luto, pois contêm em si todo o simbolismo cultural, além de exprimirem o funcionamento da sociedade. As imposições de medidas de segurança promoveram sofrimento, dificultando o processo de luto, resultando em sentimento de culpa, incompletude, raiva, injustiça e desejos inconscientes de morte associados a diversas perdas. Tais implicações dificultam a elaboração da perda, e, com isto, podem gerar uma complicação — ou, luto patológico. Para Monteiro (2022), a fragilidade vivida durante a pandemia trouxe sentimentos como medo frente à morte e desilusão em um cenário instável. Esses sentimentos aparecem de forma mais acentuada durante o período a que se refere este estudo e têm relação com a maneira com que se lida com a morte e a ritualiza. Cada cultura vive o momento conforme suas apropriações e tais processos se alteraram durante os séculos, dos quais se tem como exemplo os ocidentais, que foram deixando de materializar a morte através das exposições do luto pelos trajes, anúncios públicos e os rituais caseiros de despedida. As adaptações sociais frente aos novos cenários são inevitáveis, porém, antes mesmo das imposições pela biossegurança trazidas pela COVID-19, o morrer já havia se institucionalizado, morre-se sozinho, uma maneira de

defesa, pelos familiares, perante a negação da morte. As novas formas de morrer e adoecer, na perspectiva de Poletto (2021), transferem a dor para um espaço distinto de desamparo, solidão e abandono. O processo de velar, o compartilhamento da dor e raiva, o caminho para o cemitério e os dias que se seguem são de elaboração da perda do ente querido. Campo do sem sentido.

Diante destas constatações, pode-se perceber que para a Psicanálise, é de suma relevância que se atente aos rituais, cerimônias e todos os processos que cercam a morte, significativamente abordados até aqui. Mas ir além das observações impressas no cotidiano atual, no que tange os processos intrapsíquicos, faz com que toquemos no campo inapreensível da morte, campo delicado e obscuro e por sua vez propenso a recalque quanto à sua identificação. Compreende-se que por meio dos ritos e da verbalização ocorrem a transferência das angústias e do sofrimento como forma de vazão desses afetos tão intensos. Encontra-se aqui o ponto de conciliação entre a simbolização e os atos repetitivos. A repetição, para a psicanálise, é a transferência do que se deseja esquecer, impedido pela resistência; a ação de repetir, inevitavelmente ocasionaria substituição do impulso de recordar. (FREUD, 2010c).

Para Garcia-Roza (2009) a repetição teria finalidade evitar as lembranças, porém aponta para uma ação pulsional, inserindo-se na dinâmica da pulsão de morte. A pulsão de morte não possui representante simbólico, mas a ação da repetição busca dar sentido ao conteúdo que não foi elaborado. É paradoxal afirmar que a pulsão tenderia a mudança, quando na verdade a pulsão provocaria repetição como tentativa de proteção, ao buscar retorno ao estado inicial, que por hora, foi afastada dele em decorrência de causas externas. No entanto o caminho é sinuoso, ocasionando em permanência no estado anterior ao luto. Entende-se, portanto, que há uma circulação de energia interna que busca se deslocar para o exterior e o faz por meio de representantes simbólicos, como sonhos, comportamentos repetitivos e pensamentos, como confirma Freud (2010d), sua tendência é a compulsão, a repetição tem por função dar sentido a essas experiências de desprazer ao se ligar a um representante simbólico.

Nesse sentido Freud (2010d) e Garcia-Roza (2009) ressaltam que uma experiência traumática favorece o ato de repetir, sendo importante, portanto, dar espaço para a fala. A repetição busca dar sentido para a fala sobre o que não se consegue nomear inicialmente. No entanto, se não elaborada, a experiência

traumática, continuará se repetindo a fim de dar sentido à ausência da fala, tão necessária para a ressignificação. Nessa mesma perspectiva, as impossibilidades dos rituais e práticas podem transferir a dor exacerbada para manifestações sintomáticas que surgem para preencher o espaço da linguagem suprimida. O ato repetitivo ou a manifestação do sintoma aparece na tentativa de conter as angústias, que por vezes seria motor propulsor de mais angústia, como reafirmado por Freud (2014) em *Inibição, Sintoma e Angústia*, que discorre sobre *anulação do acontecido*, onde o simbólico apareceria de maneira inconsciente para desaparecer com dada situação indesejada. Sendo assim, a impossibilidade de práticas simbólicas acentuaria a repetição do ato como tentativa de anular a situação passada, o que resultaria em mais angústia.

A linguagem, para Garcia-Roza (2009), possibilita o domínio simbólico do fato traumático, ela permite verbalizar por meio de símbolos, além de entrar em contato com conteúdos que ainda se encontram inconscientes e estranhos, por meio da verbalização que ocorrerá via consciência. Como também corroboram Souza e Pontes: “[...] a simbolização trazida por esses ritos consiste em fornecer linguagem e nomear estes estados de dor que se colocam como incompreensíveis.” (SOUZA; PONTES, 2016, p. 77). Ou seja, a incapacidade de nomear os afetos é fonte propulsora de angústia, e é nesse sentido que os rituais são ponto de partida para o entendimento ou aceitação do luto, a exposição e o compartilhamento da dor em rituais religiosos ou culturais, retirando o enlutado do silenciamento. Garcia-Roza, segundo os pressupostos de Lacan, aponta que a linguagem possibilitaria “[...] afastamento do indivíduo em relação à vivência, o que lhe possibilita não apenas uma certa autonomia com respeito à realidade, mas também o nomear-se a si próprio como um Eu.” (GARCIA-ROZA, 2009, p.177). A psicanálise busca promover novos significados à transferência, um equilíbrio entre o desejo e a realidade ao instigar o pensar, sentir e elaborar, buscado transformar a dor em novos sentidos (FREUD, 2010c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente decidiu-se por discorrer sobre o luto antes de elucidar o campo simbólico das ritualizações, com finalidade não apenas de aproximação da dor vivida,

mas compreender alguns aspectos que abrangem a morte. Dessa forma se delineou o trabalho psíquico do luto que deve se encarregar, a seu tempo, da elaboração da perda. No entanto, a complicação do luto pode ocorrer por uma junção de fatores: o contexto de uma realidade não experienciada anteriormente pela população e a transitoriedade do luto legítimo entre desligamento do objeto perdido e a reiteração em um novo objeto elegido. A partir daí é possível levantar que sentimentos como incompletude e desamparo em um cenário instável e atemporal, associados a mortes sequenciais, além da impossibilidade de velar, transferem a vivência para o não reconhecimento da perda, já que muitos não testemunharam as mortes, de modo a dificultar a elaboração. O compartilhamento das histórias e vivências pela perda do ente querido, a ausência do espaço da cerimônia simbólica e concreta, ao serem silenciados, dificultam o princípio de realidade.

Conclui-se serem imprescindíveis a fala e as diversas formas de linguagem, tais como as ritualizações, as quais são facilitadoras do processo de elaboração de lutos, traumas ou situações análogas. A linguagem, não como princípio comunicativo, mas como fonte de expressão de afetos, a qual foi silenciada na pandemia, produz sentido ao inominável, seja em ambiente psicoterapêutico com escuta qualificada ou mesmo expressos simbolicamente. Sob essa perspectiva está alicerçado nosso referencial teórico.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. et al. Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 37, n. 9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00133221>. Acesso em: 12 abr. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582711835/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

CREPALDI, M. A. et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**. v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Acesso em 08 abr. 2022.

DANTAS, C. de R. et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. v. 23, n. 3, p. 509-533, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>. Acesso em 08 abr. 2022.

ESTHER, V. A dor do luto e seu acolhimento psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, Jul 2011, no.35, p.151-165. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n35/n35a16.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022

FIOCRUZ. Saúde mental e atenção **psicossocial** na pandemia de COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em 21 ago. 2022.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: _____. Obras completas, volume 10: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia** relato em auto **biografia ("o caso Schreber")**, artigos sobre técnica e outros textos (1911 - 1913). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

FREUD, S. A transitoriedade. In: _____. Obras completas, volume 12: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)** / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: _____. Obras completas, volume 12: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, S. Obras completas, volume 14: **História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos")**, Além do princípio do prazer. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.

FREUD, S. Obras completas, volume 17: **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos** (1926 -1929). Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GAJANIGO, P.; SOUZA, R. A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. **Sociedade e Estado**. v. 36, n. 01, p. 37-60, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010003>. Acesso em 08 abr. 2022.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GIAMATTEY, M. E. P. et al. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro-RJ, n. 26, esp., 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 abr. 2022.

LUIZ, T. da S. C. et al. Resposta para: Caixa de memórias: sobre possibilidades de suporte ao luto em unidade de terapia intensiva durante a pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**. v. 33, n. 2, p. 337-338, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20210045>. Acesso em 04 abr. 2022.

LUKACHAKI, K. R. dos S.; TOMEIX, B. R.; OSÓRIO, A. J.; LIU, M. K. Luto e Covid-19: alguns aspectos psicológicos. **Cadernos de Psicologia**, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em: <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/luto-e-covid-19-alguns-aspectos-psicologicos>. Acesso em: 21 ago. 2022.

MENEZES, L. C. A linguagem e o trabalho de luto na rememoração. **IDE**, São Paulo, v.30, n.45, p.8-12, dez., 2007, Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v30n45/v30n45a02.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022.

MICHEL, L. H. F.; FREITAS, J de L. A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. **Psicologia USP** [online]. 2019, v. 30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180185>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MONTEIRO, M. P. A ilusão de um futuro e o mal-estar na afecção. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro-RJ, n. 55, p. 129-134, jul. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n55/n55a13.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Depressão**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 21 ago. 2022.

POLETTO, A. A. A. Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, n. 55, p. 113-120, jul. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n55/n55a11.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

SALES, C F; ROCHA, G. M. Repetição e contingência na clínica da psicanálise e na arte da performance. **Psicologia Clínica**, Abr 2019, vol.31, no.1, p.189-202. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v31n1/10.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022.

SOUZA, A. M. S; PONTES, S. A. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. **Analytica**, dez. 2016, vol.5, no.9, p.69-85. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v5n9/07.pdf>. Acesso em: 01 set. 2022.

VERZTMAN, J.; ROMÃO-DIAS, D. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 23, n. 2, p. 269-290, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>. Acesso em 08 abr. 2022.